

**A “DESCENTRAÇÃO” DO SUJEITO E A CENTRALIDADE DA CULTURA:
REFLEXÕES SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA PARA A
FORMAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES.**

Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela

Camila Marques da Silva

Um dos grandes impactos sociais emergentes na pós-modernidade é descentralização da identidade dos sujeitos. Estas que por muito tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, abrindo espaço para novas identificações e fragmentando o indivíduo moderno que, até então, era tido como estabilizado e unificado.

Durante muitos séculos a humanidade foi constituída por sociedades de seres humanos engessados, com sua identidade completamente centrada, unificada, completa e, deveras, incoerente.

No entanto, as mudanças estruturais (referentes a gênero, raça, classe social, sexualidade, nacionalidade etc) emergentes no final do século XX, vêm abalar a ideia que o homem tem de si próprio como sujeito integrado. Esse movimento é apresentado por Stuart Hall (2011) como “descentração” do sujeito (tanto do seu lugar no mundo social e cultural como de si mesmo).

Conforme Hall, essa descentração não significa que o sujeito deixa de ser o que é, para dar lugar a outro ser. Ele ainda possui um núcleo (seu eu real), mas é formado e transformado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que estes oferecem. Esse processo constitui, pois, o sujeito pós-moderno.

O rápido acesso às informações e às diversas culturas, proporcionado pela globalização, tem conduzido às pessoas a repensarem sobre si e a buscarem desenfreadamente formas de identidade diversas, fora do que estavam acostumadas a usar como referência do seu EU.

Hall aponta cinco acontecimentos históricos que contribuíram para o descentramento do, então, sujeito cartesiano: as tradições do pensamento marxista, a

descoberta do inconsciente por Freud, a descoberta linguística de Saussure, os estudos de Foucault sobre a “genealogia do sujeito moderno” e o impacto do feminismo.

Todos eles levaram o homem unificado e seguro de si a pensar sobre a dependência que tem do outro para “existir”.

Especialmente os dois últimos acontecimentos levam a um agravamento deste pensamento: a ideia de ser singular.

Ser singular, não implica sobremaneira em ser unificado. A singularidade dos seres, por viverem em sociedade, oportuniza a abertura de contestações sobre paradigmas e “verdades” universais.

A modernidade nos trouxe inúmeros benefícios, mas junto a eles, ganhamos abismos existenciais. Diante de tantas facilidades, a falta de fé e a necessidade dela crescem irônica e proporcionalmente juntas, pois ao mesmo tempo em que a existência de Deus (e deuses) e, conseqüentemente, as verdades absolutas são questionadas, as referências éticas e espirituais são perdidas.

Foram essas mudanças no cenário social, ao longo das últimas décadas que desencadearam os conflitos geracionais que testemunhamos hoje, evidenciando a obsolescência da experiência dos mais velhos para a transformação do mundo pelos mais jovens.

A grande preocupação está no que pode vir a acontecer se as próximas gerações negarem a herança cultural que foi erguida para elas.

Walter Benjamin, sociólogo frankfurtiano, defendia a ideia de que o passado foi constituído de possibilidades, o presente é a possibilidade que vingou e o futuro “grita” para que o presente não sucumba com as vozes do passado. Porém isso não quer dizer que devemos abandonar o passado, mas refletir sobre ele para não cometer novamente os mesmos erros.

Jean-Claude Forquin (2003), escrevendo sobre relações entre gerações e processos educativos expressava preocupação com o fato de já não estarmos dentro da natureza, apenas, mas na ordem da cultura e, assim, as transmissões biológicas não nos seriam mais suficientes, dando espaço às transmissões educativas.

Em sua discussão o autor destaca o conceito de “universalidade do fosso de gerações” dado por Margareth Mead que atribui esta crise de identidade

à rapidez atordoante das transformações que intervêm em nossa vida cotidiana, ao desmoronamento da família, ao apodrecimento do capitalismo, ao triunfo de uma tecnologia sem alma, ao declínio das instituições e dos valores estabelecidos.

Hoje nossas escolas não recebem apenas filhos de famílias tradicionalmente estruturadas como antigamente. A identidade flutuante provocada pela estrutura social pós-moderna acarreta um conflito de gerações, onde os “pais” substituem cada vez mais os pais/responsáveis, nos modelos de comportamento constituindo o total desmerecimento da experiência social e cultural das gerações passadas para a formação dos jovens, como já foi mencionado.

Forquin tenta explicar essa tal obsolescência através da constatação dessa nova geração que acredita que

As competências adquiridas pelas gerações mais antigas não servem para mais nada porque o mundo, em função do qual elas foram produzidas desapareceu irremediavelmente; pior ainda, longe de permanecerem recursos para a adaptação ao presente e para a preparação do futuro, elas constituem obstáculos. (p. 8)

Uma das principais inquietações do autor é o que Margareth Mead define com cultura pré-figurativa caracterizada por essa reviravolta das relações entre as gerações.

Este novo modelo de cultura pode fazer brilhar os olhos dos atores das gerações que venceram a opressão e as ditaduras em décadas passadas, mas se torna preocupante se pararmos para questionar de que servirá a escola se as próximas gerações não estiverem dispostas a ouvir a história de onde partem todas as reflexões, e assim, as transformações.

A cada dia que passa nos parece que a regra é não seguir regras e que os limites são ameaças e não uma tentativa de evitar o caos.

Devemos repensar os rígidos conceitos difundidos por muitos e parar para enxergar e admitir que, às vezes, quem mais luta pela “liberdade” é quem mais oprime.

Se somos constituídos pelo meio social onde vivemos, isso quer dizer que oprimir alguém que é cristão porque é cristão é tão desumano quanto segregar alguém porque segue matrizes africanas. Oprimir um homossexual é tão desgastante quanto oprimir um homo ou bissexual.

A pessoa não é a religião que segue, mas aquilo que crê, e não deve pagar pelos erros dos que organizam tal segmento ou instituição.

A escola como espaço social, pois, deve trabalhar para a minimização do preconceito através de diálogos.

As diferenças culturais parecem cada vez mais visíveis e é preciso oportunizar a voz de todos para evitar a opressão de uma cultura sobre a outra e vetar um novo Auschwitz.

Sim, se pararmos para pensar, foi a tentativa de purificar a sociedade, igualando o conceito de homem que provocou a barbárie mais repugnante da história da humanidade.

Por que devemos ser iguais se é na diferença que temos a oportunidade de dialogar e enriquecer culturalmente? Não existe apenas uma cultura, ou uma cultura boa e uma ruim, mas culturas que devem ser respeitadas e vividas individual ou coletivamente.

É nessa perspectiva que Veiga-Neto (2003) compara a cultura com a língua. A língua é uma só em sua intencionalidade, mas pode ser escrita em muitos idiomas e, diria mais, em muitos símbolos, mas sempre com o mesmo propósito: comunicar, dialogar. Mas para que isso ocorra é preciso que haja disponibilidade dos sujeitos em se fazer entender, assim como nas culturas. É preciso falar, mas, sobretudo saber ouvir.

É fato que as crianças tem se apresentado mais dominadoras das novas tecnologias, sim elas conhecem muito do mundo, mas muito pouco da vida. E é por isso que devem ter pais/responsáveis (e quando escrevemos pais não nos detemos ao fator biológico) portadores de uma base familiar forte.

A pesquisa – que culminou com o livro de Bernard Charlot, Elisabeth Bautier e Jean-Yves Rochex “Escola e Saber nas periferias... e em outros lugares” citada por Forquin, realizada na França e baseada nos estudos da equipe ESCOL da Universidade de Paris, revelou

Justamente a importância de se ter pais portadores de uma identidade e de uma memória familiar fortes, a intensidade, porém também a ambivalência das relações de identificação/distanciamento que se mantém com eles, e a maneira com a qual essas relações, mesmo nas famílias mais afastadas do mundo da escola, embasam e sustentam a dinâmica das motivações e as modalidades da relação com o saber e com a cultura sobre as quais se constroem os processos escolares bem-sucedidos ou fracassados. (p. 8)

Se couber, então, a escola educar e formar essas novas gerações, faz-se necessário levantar alguns questionamentos tais quais: Como será possível educar uma

geração que não quer “ouvir”? Que se recusa a receber a “herança” que lhes foi preparada?

Nossos jovens não mais constroem ou cultivam valores próprios, eles adotam. Assim como adotam realidades “líquidas” e isso causa cada vez mais frustração, vazio e abandono emocional.

Sobre essa circunstância “líquida” em que vivem não só os jovens, mas grande parte da população mundial, Bauman nos alerta para a diferença que existe entre comunidade e rede, a partir do relato sobre uma conversa que teve com um “viciado” em *Facebook*. Em suma, Bauman nos diz que a comunidade nos precede, nascemos numa comunidade.

Em contrapartida, a rede é ativada e mantida por dois movimentos específicos: conectar e desconectar. E é nesse jogo de movimentos que se concentra a atratividade maior dessa nova forma de relacionar-se: a facilidade em desconectar-se, descartar as pessoas. Quando as relações são face a face ou *offline*, torna-se mais traumático esse desligamento. É preciso encontrar desculpas e explicações para isso e, ainda assim, continuará sentindo-se inseguro. Na internet basta um movimento de “deletar” ou “bloquear” e a relação está banida ou “pausada” (BAUMAN, 2015).

O sociólogo polonês continua seu discurso designando as redes sociais como uma multidão de solitários e julga as relações humanas como sendo bênção e maldição ao mesmo tempo. Bênção, por ser bastante satisfatório viver em companhia de outras pessoas e maldição, porque, ao atar um laço com outro, nos comprometemos que aquela relação será duradoura, deveras, para sempre. Mas, no mundo atual em que vivemos, onde novas oportunidades e atrativos surgem a todo instante, muitas vezes fica impossível manter esse compromisso. Esse contexto nos leva a uma situação ambivalente em que, ao mesmo tempo em que as pessoas não querem se apegar a nada, a nenhum compromisso, anseiam igualmente desfrutar de todas as relações e oportunidades que vierem a surgir (IBIDEM).

Para Bauman, existem dois valores essenciais para uma vida satisfatória e recompensadora: segurança e liberdade. Segurança sem liberdade é escravidão. Liberdade sem segurança é um completo caos, incapacidade de fazer nada, planejar nada, nem mesmo sonhar com isso. A grande questão para ele é que ninguém, jamais, conseguiu dosar a proporção que esses dois critérios necessitam para tornar uma vida perfeita. Cada vez que buscamos segurança nos privamos um pouco de liberdade e cada

vez que nos proporcionamos liberdade, abdicamos de parte da nossa segurança. E a vida segue nesse jogo de “perde e ganha” (IBIDEM).

Neste sentido, quando Sócrates afirma: “Só é útil o conhecimento que nos torna melhores”, ele traz à tona, talvez, o maior pilar de onde deva partir o ato educativo: Melhorar as pessoas.

Os alunos têm sede de falar sobre si, de suas (des)crenças e dúvidas, para se encontrarem e se compreenderem como seres atuantes na sua própria vida, pessoal e social, num ciclo de ação-reflexão-ação, tal qual a metodologia de Freire.

Referências Bibliográficas

FORQUIN, Jean-Claude. **Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações.** Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. SESC: São Paulo, outubro, 2003

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** In: THOMPSON, Kenneth (org). *Media and Cultural Regulation.* Open University. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa, 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. – 11º. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação.** Revista Brasileira de Educação. Mai/ Jun/ Jul/ Ago, 2003.